

O quadro eleitoral, com Itamar e Sarney

Newton Rodrigues *

Segundo noticiário fartamente difundido nos últimos dias, exatamente hoje Itamar Franco e José Sarney comunicarão ao PMDB que assumem a condição de pré-candidatos à indicação do partido para a disputa presidencial. A mera difusão do fato, apesar de certa mídia, mais interessada na braguilha de Clinton, sacudiu o quadro político e embolou, pelo menos por ora, o fio da faca com que se ameaçava degolar Paes de Andrade na convenção de 8 de março. Mesmo lideranças partidárias que marchavam na esteira do batecum do candidato oficial reduziram a marcha e chegaram a admitir publicamente que, se houver candidato partidário capaz de bom desempenho, ficarão com ele. O que, diga-se, não chegará a ser ato extraordinário, pois as consequências locais de eventual candidatura pemedebista obrigam lideranças locais a rever alianças e posturas, sob pena de perderem influência. O ar debicativo de certos pemedebistas cessou

em face da configuração de um novo quadro, entretanto ainda não definido.

Segundo um velho ditado, antes tarde do que nunca e o tempo perdido em vacilações mal-explicadas, para dizer-se o mínimo, só será recuperado se as propostas forem claras, amplas e não deixarem de lado o problema político, síntese de todos os outros, para repetir o ramerrame do gerencialismo, apropriando-se da falsa tese de Ademair de Barros, para quem o Brasil precisava mesmo era de um gerente. O atraso foi grave, mas ainda não fatal. Diga-se que não apenas Itamar vacilou em demasia.

Também Sarney, que em março e abril de 1994 declarou-se "o mais preparado para governar" e admitiu disputar as prévias "para unir o PMDB", mudou o jogo logo depois sem apoiar nenhum outro candidato partidário. Vem variando a postura, nos dois últimos anos, pondo-se, porém, desde pelo menos junho do ano passado à disposição

do partido para assumir a candidatura, embora até agora não haja demonstrado disposição de disputar a indicação interna. Sabe o governo que estará em face de um candidato forte, de influência extrapartidária, entre outros motivos pelo exercício de cinco anos de presidência. Bom tático político desde junho do ano passado, insiste em que Fernando Henrique correrá o perigo de enfrentar dois turnos desde que o PMDB decida logo candidatura própria (Gazeta Mercantil, 10/7/97). Sua posição agora indica

que a expectativa de antes permanece e que tem sólida convicção de que, em uma segunda rodada, a oposição marchará unida contra o candidato situacionista, com grandes possibilidades de vencê-lo.

Mais que todos, Itamar Franco perdeu um tempo precioso em definir-se pré-candidato, talvez movido pela pressão de amigos que preferem vê-lo na disputa mais tranqüila do governo de Minas, ou mesmo por deficiências estratégicas. Sua demora muito contribuiu para que a ala fernandista do PMDB ganhasse espaços que terá de reconquistar agora. Diziam há dias um sagaz político que o céu não



pertence aos santos, mas aos arrependidos, e que, portanto, a verdadeira penitência a cobrar de Itamar é que se lance de rijo à peleja em que tem raras condições de atuar. Ao sair, segundo o Ibope (O Globo, 16/12/94), conquistara uma aceitação popular de 88% (42% ótimo e 46% regular), semelhante aos 82 pontos aferidos pelo Datafolha dois meses antes. Da mesma forma que Sarney, e em conjunto com ele e Paes de Andrade, formou durante todo o tempo contra a reeleição — sobre a qual declarou que não haveria indicado FHC se soubesse que ele iria instituí-la —, a venda da Vale, o Sivam e outras medidas governamentais que tem verberado duramente.

Em troca, não lhe faltaram ataques oficiais como a famosa declaração de Fernando Henrique segundo o qual, ao assumir o governo, encontrou o País "como um queijo suíço" sem capacidade ao menos de pensar quais eram os seus problemas e onde "faltava tudo". Tem, portanto, apesar de erros públicos (a montanha de medidas provisórias, por exemplo), face de opositorista à política oficial, postura, entre-

tanto, prejudicada pela demorada permanência em posto de confiança presidencial e a responsabilidade de ter lançado e favorecido a candidatura FHC, e está ciente de que "essa gente quer passar um borrão nos dois anos e meio em que fui presidente". (JB, 23/9/97).

Confirmada candidatura própria do PMDB, sua área de apoio poderá reforçar-se rapidamente por vários motivos, dentre os quais atender ao anseio por uma proposta de centro-esquerda, impossível de ser personificada por Lula, mas apoiável pelo PL e pelo PSB, o não-encabrestamento do eleitorado, comprovado em vá-

rios pleitos, a tendência mineira de votar no candidato da terra e a paternidade do Plano Real, cavalo de batalha de FHC, aliás com as ferraduras frouxas.

A candidatura de Itamar ou Sarney, se formalizada e levada adiante, transformará a proclamação da conformidade em verdadeira campanha política, indispensável à vivificação do País. Em tempo oportuno.

A candidatura de Sarney e Itamar, se formalizada, transformará a proclamação da conformidade